

Poeira Branca: a rotina de uma trabalhadora

White Dust: the routine of a worker

por Luiza Brandão Urban

Mestranda na linha de Processos Criativos Contemporâneos no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar).
E-mail: luizaburba@gmail.com. Orcid: 0009-0004-5443-2340.

Memórias da rotina

Produção incessante, rotina esmagadora, falta de tempo, corpo e mente sobrecarregados, culpa. Sequência que descreve experiência compartilhada dentro da forma de sociedade estabelecida e é o foco de *Poeira Branca*, performance de longa duração realizada pelo Grupo Em-cadeia – composto por mim, Barbara Haro, Isabela Picheth, Luiz Moreira e Priscilla Durigan –, em 2024 no Museu Municipal de Arte, em Curitiba.

Na performance, simulamos uma linha de produção que reflete o processo do trabalho alienado, operando ações que, quando compiladas em ciclo único, falam sobre uma dinâmica de autodestruição. Portanto, pensando com Nancy Fraser, a esteira proposta se canibaliza, e não só canibaliza seu produto como o próprio trabalhador que o realiza.¹ Segundo Marina Garcés, filósofa espanhola, chegamos à experiência do tempo que resta, o “depois do depois”, no qual a questão já não é mais “para onde?”, mas sim “até quando?”. Porém, a pensadora propõe insubmissão à ideologia do tempo póstumo através do esclarecimento radical. Devemos superar a sensação de saber tudo e que é impossível transpor o momento atual, e superar as duas perspectivas predominantes: uma que apenas anuncia o que estamos perdendo ao olhar para o passado, e outra que espera pelo futuro, fazendo com que nos esqueçamos do presente. É preciso imaginar outras possibilidades e estabelecer um tempo vivível:

[p]ara mim, declarar que somos insubmissos à ideologia póstuma é a principal tarefa do pensamento crítico hoje. Toda insubmissão, se não quer ser um ato suicida ou autocomplacente, deve ter ferramentas para sustentar e compartilhar sua posição. Nesse caso, precisamos de ferramentas conceituais, históricas, poéticas e estéticas que nos devolvam a capacidade pessoal e coletiva de combater os dogmas e seus efeitos políticos².

Da mesma maneira, a performance, que tem como ponto de partida a figura de trabalhadores imersos no tempo que resta, é uma ferramenta poética e estética procurando se infiltrar na rotina daqueles que compartilham da mesma experiência, a fim de provocar identificação, questionamentos, indignação ou revolta.

Durante todo o período da ação, um registro escrito dos dias em performance foi feito por cada artista. Ao compilar vivências pessoais, as

¹ Nancy Fraser, *Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a nossa democracia*, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso, 2024, p. 17.

² Marina Garcés, *Novo Esclarecimento Radical*, 2019, p. 48.

anotações conduzem ao meu íntimo ou, de forma análoga, à subjetividade do trabalhador número quatro. Antes descaracterizado, oculto e portanto anônimo, agora está completamente exposto e personificado em uma camada poética adicional, remontando *Poeira Branca* de uma perspectiva introspectiva e tão real quanto a ação. As palavras oferecem um vislumbre do viver nessa condição.

11.06.2024 Começo quebrando. Ao mesmo tempo que me controlo para não destruir as peças imediatamente, bato com a mesma intensidade que as ferramentas pedem.

Quando uso a menor marreta, pedaços de gesso voam para todos os lados. Vários entram nos meus olhos. Levo um susto, mas mantenho a compostura. Pisco repetidamente até achar que não há mais nenhum fragmento na minha vista.

Sigo para a próxima função com o suor escorrendo pelo meu rosto e abdômen.

12.06.2024 Meu olho começou a doer e inchar, mas decido que não será um problema e vou para o turno normalmente.

Início no controle e consigo me concentrar progressivamente nas atividades do dia. Percebo como meus colegas agem em cada função, observo os números anotados no dia anterior e vejo o público pelo vidro.

Marco um acidente para mim mesma no primeiro dia.

13.06.2024 Não compareço na hora para esse turno.

Às 6h da manhã estou na UPA de Campo Largo com o olho roxo e inchado. O incômodo não passou e comecei a considerar a necessidade de ver um médico. Torço para conseguir chegar às 10h no trabalho, mas só sou atendida às 11h, depois de ser encaminhada para um hospital em Curitiba. Assim que sou liberada, vou direto para o serviço. Chego minutos antes do intervalo e a culpa me atinge por ter perdido a primeira hora e meia de trabalho, então tento me integrar à linha de produção o mais rápido possível.

Mesmo trabalhando apenas metade do tempo, os minutos se arrastam enquanto o calor me afeta.

18.06.2024 Me desafio a não olhar para o relógio em intervalos menores que cinco minutos. Quando finalmente cedo, descubro que já se passaram dez. Faço movimentos mais controlados e, mesmo começando no setor de quebra, quase não escorre suor pelo meu corpo.

Quando entro na produção, erro o ponto do gesso duas vezes e ele endurece muito rápido.

No setor de quebra, já não percebo mais quais partes do corpo estou quebrando. São minhas ou dos meus colegas? Não percebi.

19.06.2024 Minha memória não tem registros relevantes sobre este dia. Sei que foi um turno à tarde. Sei que a vitrine chama atenção de quem passa, pois a luz muda e aparecemos com mais clareza, contudo realmente não lembro das minhas ações nesse turno. É a rotina.

20.06.2024 Entramos mais cansados, pois o turno da tarde se junta com o da manhã. Nossos movimentos se tornam mais calmos, ao passo que cada ação tem um propósito.

Compreendo melhor o ponto do gesso e a quantidade necessária para fazer apenas um molde por vez, sem desperdiçar.

Quando estou na função de transporte, o sol me atinge, fazendo do calor um corpo presente. O suor cobre minhas roupas e tento continuar a respirar lenta e profundamente para me manter bem.

22.06.2024 Comecei o dia mais cansada, dormi mal e o fato de ser sábado parece piorar tudo.

Por um momento o número 3 teve que se ausentar, pois lascas de gesso também entraram nos seus olhos. Dessa vez ele se retira imediatamente

para lavar. Nos minutos que está fora, o setor de quebra fica parado e o silêncio é ensurdecedor. Sempre ouvimos as batidas das marretas e o gesso batendo no carrinho, quando o som para, parece que há algo de errado. Mais uma vez conto os minutos para mudar de setor. O suor escorre para minha boca enquanto quebro. Arrumo os óculos embaixo da máscara para garantir que não têm frestas e o equipamento passa a cravar na minha pele.

26.06.2024 Dormi pouco na noite anterior e me sinto sobrecarregada. Apesar disso, meu corpo acorda disposto e faço de conta que não é comigo. Todas as funções estão se tornando mecanizadas. Penso cada vez menos sobre o que estou fazendo, ao mesmo tempo que me culpo por não conseguir usar o tempo mental “livre” para ter ideias. Sinto o mesmo quando estou indo para o trabalho. Digo para mim mesma: “hoje vou aproveitar essa 1 hora de deslocamento para resolver x coisa”. Obviamente isso nunca acontece. Sinto culpa.

27.06.2024 Pela primeira vez, não olho para o relógio nenhuma vez. Saber quanto tempo falta para mudar o turno não vai mudar o tempo que falta. Continuo executando a quebra até o controle me avisar que faltam 3 minutos. Quando olho, faltam 20 segundos para tocar a sirene. Essa é a única vez que isso acontece. Enquanto trabalho, acho que esqueço que existo. Como se vive assim?

28.06.2024 Me dedico a remexer na pilha de corpos de forma a reordenar toda sua configuração. Cavo buracos em busca de fragmentos perdidos, mas tudo que encontro são pedaços disformes, impossíveis de identificar.

02.07.2024 Esqueço de avisar meus colegas que faltam 5 minutos para o fim do turno e só percebo quando estou na próxima função. A verdade é que todos nós sabemos exatamente quanto tempo falta para acabar e o aviso é apenas algo para ansiar. Enquanto no controle, hoje percebo que, se observado de perto, tudo que fazemos está evidente. O rastro do saco de 40kg arrastado pelo chão. A marca do carrinho e das nossas pegadas, que fazem o mesmo trajeto repetidas vezes. Os diferentes tons do gesso mostram quais foram feitos agora e quais estão há mais tempo esperando para serem quebrados. Já as batidas das marretas na mesa fazem o tampo vibrar e o pó se acumular nas bordas.

04.07.2024 Quebro com calma, mas mesmo assim várias lascas voam no meu rosto. Tenho medo de me machucar novamente e decido bater algumas vezes com os olhos fechados. Talvez agora eu bata nos meus dedos, mas me parece preferível do que os olhos, pois já sei o que esperar de uma pancada na mão: a dor, o roxo, o incômodo, o verde, amarelo e finalmente a carne restituída. Já nos olhos as possibilidades parecem infinitas – e piores. Olho constantemente para o relógio e meu desafio contra o tempo é perdido. Conto os minutos e conto os segundos na minha cabeça como forma de ocupar minha mente. Hoje é o antepenúltimo dia de trabalho³.

As fotografias são de Pat Mattos.

³ Luiza Urban, *Diário Poeira Branca*, 2024.

Referências

FRASER, Nancy. *Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso*. São Paulo: Editora Autonomia Literária, 2024.

GARCÉS, Marina. *Novo Esclarecimento Radical*. Belo Horizonte: Âyiné, 2019.





























